

ARAÚJO, Mariclécia Bezerra de; **Preparando a Terra: a Dança Cíclica da Vida.** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN; Professor Dr. Robson Carlos Haderchpek. Atriz, professora e pesquisadora.

RESUMO: Este trabalho surgiu mediante um processo laboratorial vivenciado no Projeto AME da mestrandia Nadja Rossana Lopes de Sousa, atriz do Grupo Arkhétypos de Teatro - orientado pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek. O processo nasceu de uma dança pessoal catalisada pelos elementos da natureza (terra, fogo, água, ar), combinados com estímulos sonoros, em sua maioria, de origens tribais. Investigamos assim, descobertas essenciais através de ritos de passagem, que celebram rituais de sacrifício, buscando o despertar de uma voz, de um grito que nos permitiu acessar figuras arquetípicas primordiais adormecidas dentro de nós. Dentre esta troca energética corporal, buscamos nos encontrar, deixando que a dança nos alimentasse, e chegamos a acessar algumas imagens geométricas que circundavam nosso imaginário poético. Nisto, mediante os jogos de cena, nos deparamos com arquétipos de duas mulheres; curandeira/mestre e guerreira/aprendiz, perdidas em um espaço/tempo, vivido numa terra que prepara ciclos, que alimenta almas e refaz vidas. A partir dos postulados de Estés (2014), Campbell (2014), Bachelard (1989), Jung (2000; 2008), e Goswami (1998), estamos pesquisando essas figuras arquetípicas que para nós celebram cânticos, capazes de unir as relações existenciais da vida/morte/vida.

PALAVRAS CHAVE: Arquétipo; Mulher; Ancestralidade; Dança.

RESUMEN: Este trabajo surgió mediante un proceso de laboratorio vivido en el Proyecto AME de la maestría Nadja Rossana Lopes de Sousa, actriz del Grupo Arkhétypos de Teatro - orientado por el Prof. Dr. Robson Haderchpek. El proceso nació de una danza personal catalizada por los elementos de la naturaleza (tierra, fuego, agua, aire), combinados con estímulos sonoros, en su mayoría, de orígenes tribales. Investigamos así, descubrimientos esenciales a través de ritos de pasaje, que celebran rituales de sacrificio, buscando el despertar de una voz, de un grito que nos permitió acceder a figuras arquetípicas primordiales adormecidas dentro de nosotros. De entre este intercambio energético corporal, buscamos encontrarnos, dejando que la danza nos alimentase, y llegamos a acceder a algunas imágenes geométricas que circundaban nuestro imaginario poético. E nesto, mediante los juegos de escena, nos encontramos con arquetipos de dos mujeres; curandera / maestro y guerrera / aprendiz, perdidas en un espacio / tiempo, vivido en una tierra que prepara ciclos, que alimenta almas y rehace vidas. A partir de los postulados de Estés (2014), Campbell (2014), Bachelard (1989), Jung (2000), Goswami (1998), y estamos investigando estos arquetipos que para nosotros celebran cânticos, capaces de unir las relaciones existenciais de la vida / vida / muerte.

PALABRAS CLAVE: Arquetipo; Mujer; Ascendencia; Danza

O preparo da terra começou. Seu início se deu pelo toque das mãos, em sintonia com sua textura, muitas vezes frias; outras vezes quentes. Prepará-la foi a primeira coisa que me veio quando a toquei, senti necessidade de cuidar, de proteger, de dormir sobre ela. Sentir meu peito junto ao solo, deixei meu coração pulsar, tentando

ouvir as vozes ancestrais que existia em sua constituição. Este solo sagrado, protegido, e tantas vezes destruído pelo ser humano tem em sua magia, desde o início dos tempos, uma forma orgânica que se prolifera; renascendo minuciosamente perante a vida.

Foi neste tocar que se deu o preparo da terra. Da minha terra. Da que está comigo, que cultivo a cada dia, a cada encontro. Sou a mestra que se fez presente neste espaço, tenho o poder de alimentar ciclos; de celebrar ritos de passagem; lhe ajudando a enxergar a terra a que pertences. Quando canto, encanto, e posso lhe fortalecer quando dançar comigo. Neste dançar podemos mergulhar nossos corpos numa dança cíclica, mágica e forte. Não questiono minha forma de se mostrar, só saiba que sou a raiz da terra, participo do nascer de todos vocês e estarei lá na hora da sua morte, pois você pode atravessar a si mesmo. Terra ser. Desta terra serás.

Aqui nasceu a figura arquetípica da velha mestra, alguns a chamam de Feiticeira, Deusa da sabedoria, Anciã, La Loba, etc. E ela veio de uma forma bem especial, porque não se esperava por ela. Não sei se foi a terra, a água, o ar, ou fogo que a acionou, não sei se foram as músicas que me transportava a outros universos, ou se foi somente a energia do trabalho que me levou até ela. Só se sabe, que ela vem de muito longe, ainda do nascimento do universo, juntando raízes e pedras que deram origem a terra.

Encontrar um arquétipo, segundo Jung (2000) é olhar para dentro de si, e, é nesta investigação interior, que percebemos as instâncias do que temos dentro, para depois educar o que temos fora. A educação do olhar acontece quando permitimos contemplar o outro, o arquétipo do outro, do que nos completa, do que nos faz enxergar em nossas ações as relações de singularidade que existe em cada um de nós, no que se esconde atrás da nossa poética de sonhos.

Para Campbell (1990, p. 41) “todos os deuses, todos os céus, todos os mundos estão dentro de nós” e é olhando para dentro que isto é percebido. Acessar uma figura arquetípica é amplificar esses mundos, é ir longe acessando imagens míticas guardadas em nossa carga genética inconsciente.

No início dos laboratórios havia um suposto medo de se envolver com o outro, talvez este medo pudesse não corresponder as algumas expectativas, porque no Jogo Ritual¹, o outro é o seu complemento maior. Nos intervalos, me percebia pensativa, e comecei a investigar ao meu redor. Existia nestes arredores, além do projeto AME², o projeto Voz Feminina³ coordenado pela Professora Mayra Montenegro⁴. Nestes encontros, coincidentemente, descobri a essência da minha figura arquetípica.

A cada novo encontro do projeto Voz Feminina abordávamos a leitura de Estés (2014), para mergulhar no processo de encontro ao feminino selvagem; descobrindo na leitura das cartas, do oráculo das deusas, mais do que imaginávamos, pois nascia dessa leitura muita semelhança com nossas vidas. Descobri semelhanças profundas com minha figura, levando-me a pesquisar o que me vinha de novo, que permeava meu inconsciente. Nas pesquisas, me deparei com a Deusa Cailleach⁵ sendo considerada pelos mitos celtas a Deusa da Morte; a que preparava a terra; a guardiã que rege as estações do tempo. Foi esta deusa e o seu mito que me fez enxergar a essência do que estava trabalhando.

¹O “jogo ritual” é um procedimento de criação essencial na prática artística do Grupo Arkhétypos de Teatro. (Haderchpek, 2016).

²AME – Arte, Metodologia e Espiritualidade é um projeto de Mestrado da mestrandia Nadja Rossana Lopes, orientando pelo Professor Dr. Robson Carlos Haderchpek.

³O projeto tem como objetivo pesquisar a voz como expressão do Ser no treinamento de ator e processo de criação cênica. A voz é uma das principais vias de auto expressão e sua qualidade reflete a riqueza e ressonância do ser interior. Quando a voz da pessoa é limitada, sua auto expressão está restrita e seu ser, reduzido. Portanto, a pesquisa Voz e Teatro pretende investigar primeiramente essa voz como expressão do Ser, como Individuação, como um caminho para (re)encontrar-se, para (re)conectar-se. Em segundo lugar, a Voz como empoderamento social, ter voz em seu meio, ser ouvido(a), ser respeitado (a). Em terceiro lugar, a voz como reconexão com o invisível, com o desconhecido, com o Sagrado. Acesso ao inconsciente coletivo, à voz dos antepassados, à sabedoria ancestral, à intuição.

⁴Possui mestrado em Artes Cênicas (UFRN, 2012), e graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística, com habilitação em Música (UFPB, 2008). É atriz, cantora e preparadora vocal da Cia. Violetas de Teatro, e Professora Titular da Graduação em Teatro da UFRN. Pesquisa as áreas de Técnica e Expressão Vocal, bem como a Memória, o Feminino e a Mimesis Corpórea na preparação de ator/atriz e criação teatral.

⁵ Cailleach é a própria terra. Ela é as rochas cobertas de musgo e o pico das montanhas. Ela é a terra coberta de gelo e neve. Ela é a mais antiga ancestral, velada pela passagem do tempo. Ela é a Deusa da Morte, que deixa morrer tudo o que não é mais necessário. Mas é também ela quem encontra as sementes da próxima estação. Ela é a guardiã da semente, a protetora da força vital essencial ao ressurgimento da vida após o inverno. Ela guarda a própria essência do poder da vida. Ela é o poder essencial da Terra. Nos mitos Celtas Ela representa a Soberania sobre a terra e um rei só podia reinar após realizar o casamento sagrado com Ela, que representa o Espírito da terra. Disponível em: <<http://luzemhisterio.com.br/blog/ritos-e-deuses/deusa-cailleach/>>.

Esta busca me revelou as formas do meu personagem. Comecei a entender porque acessava tanto a morte, pois tudo nascia e morria nos laboratórios. Segundo Jung (2008, p. 122) a maneira pela qual os arquétipos aparecem numa experiência prática se referem a dois grandes aspectos: imagem e emoção. Nisto é importante salientar que um depende unicamente do outro, porque se tivermos apenas a imagem, como por exemplo o mito da deusa, o surgimento do arquétipo não teria tanta importância, sendo apenas imagem ou descrição. Mas, com a junção da emoção, dos meus momentos dentro do laboratório, buscando um acesso maior a minha energia psíquica, este arquétipo terá uma força mais concreta, nascida simplesmente da consequência entre imagem e emoção. Assim os arquétipos, “[...] são proporções da própria vida – imagem integralmente ligada ao indivíduo através de uma verdadeira ponte de emoções” (JUNG, 2008, p. 122).

É impressionante quando o magnífico do trabalho surge em nossa mente e as leituras nos fazem perceber as relações existentes entre nós e o que surge em cena. O *jogo ritual* abarca esta união, lhe mostrando algo da sua própria existência, pois “os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles tem significado para um determinado indivíduo vivo” (JUNG, 2008, p. 122).

No Grupo Arkhétipos de Teatro⁶ jogamos o *jogo ritual*⁷ e o que nos acontece é uma preparação vinda de uma concentração inerente a este trabalho. É uma ritualização de si mesmo, um conjunto de forças de atração que potencializa a própria vida. Jung (2008) assevera, que o que nos acontece tem uma relação constante com nossa própria vida, e, por isso é necessário entender a *numinosidade* viva desta relação que nos transporta a estes encontros.

⁶O Grupo Arkhétipos foi formado em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek e por um grupo de alunos que decidiram se dedicar à pesquisa artística dentro da Universidade. O Grupo trabalha numa perspectiva laboratorial e desenvolve seus espetáculos a partir de um mergulho no universo simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento.

⁷O ritual em sua origem mais concreta, segundo Mariz (2008, p. 16), “cria um sentido de espaço e de tempo outro, diferente daquele do cotidiano”. Este espaço/tempo se constitui como algo significativo para quem o vivencia, abrindo portais profundos em determinadas culturas. Sua característica essencial é que mesmo não sabendo de sua relevância para a vida, o homem o vivencia, sentindo sua manifestação.

Ao escolher o Teatro Ritual⁸ como ferramenta de trabalho, atribuímos estruturas ritualísticas à cena, capazes de levar o espectador a atravessar através da pulsação do corpo do ator uma capacidade penetrante e espontânea de ser. Este teatro, busca uma experiência mágica espiritual com o outro, seja ator ou espectador, os dois comungam de uma equação onírica, única e singular. O Teatro Ritual permite que a participação conjunta dos integrantes torne-se algo vivo, forte, sublime, porque deixa a ação ritualística da vida penetrar na esfera da cena, na expressão da vida que é o teatro.

Deste sublime que existe em si mesmo, reconhecemos os nossos arquétipos. O arquétipo da velha sábia ou mestra, como assim denominei, nasceu e foi se firmando entre conexões e portais que se abriam a cada novo laboratório. Uma senhora árvore que cuidava da terra, que ampliava as potencialidades de sua filha/neta e doava-se em canto para as almas pedidas. Cantar e dançar vinham-me como leveza, nada me impedia de circular pela terra que preparávamos. Daquele recanto ensolarado a terra se remexia a partir da batida dos nossos pés e caímos em risos, festejos singulares. Deitada abaixo de uma enorme árvore⁹ deixava aquela energia encantadora se firmar. Pensando no trecho do livro: *A Cirandas das Mulheres Sábia*, Clarisse Estés (2007, p. 23 a 28).), comecei a sentir as palavras da autora invadir meus pensamentos. Reformulei o texto e o extrai para a cena:

O lugar que almejamos é a terra aonde os humanos ainda são tão perigosos quanto divinos, onde o que é derrubado cresce de novo, e onde os ramos das árvores mais velhas florescem por mais tempo. A mulher oculta conhece esse lugar. Ela conhece. E você também. Não se esqueça de se conectar com a alma, se for visão e força o que você deseja. Ter sabedoria é ter paixão, ousadia, energia. Anime-se e inspire-se. Escolha o que a torna maior, não menor, seu coração, sua mente, sua vida. Que você escolha o que lhe faz dançar, não mais andar pesadamente nem cochilar pelo tempo afora. Os pássaros irão lhe contar as notícias ocultas e você irá enxergar para adiante e para trás do presente. Seja eternamente um rio e deixe-se levar e procure empurrar seu espírito para que ele atravesse o solo cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo estará ao seu alcance. (ESTÉS, 2007, p. 23 a 28).

⁸Teatrólogos como Peter Brook (1968) com a ideia do Teatro do Invisível; Artaud (2004), com a perspectiva do teatro enquanto encontro consigo mesmo; Grotowski (2010), acreditando ser o teatro um rito coletivo; dentre outros, afirmaram ser o teatro ritual uma conexão do ator com a própria alma, ou seja um desvelar-se completamente ao público, uma entrega de si.

⁹ Os nossos ensaios eram realizados no Museu Câmara Cascudo, Natal/RN.

Quando me vinha essa alquimia de encontros entre pesquisa e emoção; parecia fruir naturalmente a energia de acesso a este ser em mim. As relações que existiam entre nós duas eram muitos fortes, tanto comigo mesma quanto com a companheira de cena Ana Clara¹⁰. Ambas estavam passando por momentos difíceis, de transições importantes, de ritos que exigem de nós uma maior concentração. Fins de relacionamentos, inícios de outros, amadurecimento pessoal e profissional, o sentido de ser mulher caía sobre nossas cabeças e entre choros e abraços deixávamos renascer de um lugar, de um tempo desconhecido, pequeno; mágico; povoado por almas antigas e conhecedoras da existência, uma sensação boa, inconsciente de ser mulher.

À medida que uma mulher cresce a céu aberto na realidade consensual, ela também ordena a expansão do seu sistema radicular para que sua visão profunda, a audição mais cuidadosa e a mente mais perspicaz também se expandam. Trata-se de um processo em série, atemporal, sagrado, acionado pela atenção consciente ao modo pelo qual a psique amadurece de uma jovem menina para uma sábia vibrante, dançante, aprimorada pelo tempo. (ESTÉS, 2007, p. 42).

Essa experiência vivida a céu aberto no Museu foi, sem dúvida, sentida verdadeiramente. O encontro com si mesmo é um encontro terapêutico, porque neste teatro é possível curar as feridas que se abrem no decorrer da vida, pois podemos tratá-las a partir de nós mesmos, buscando dentro de nós uma melodia onírica causadora de transformações.

É importante afirmar que os elementos de cena, também, são fatores extremamente forte para encontrar um arquétipo. O tambor, por exemplo, nos transportava a um tempo distante. Segundo Estés (2014, p. 184), o tambor ou a “estrutura de um tambor determina quem e o que será conjurado a viver”. Eles possuem poderes em diversos aspectos e, em nosso caso, o nosso tambor foi doado por uma velha feiticeira mexicana: Dona Cristiane; médica tradicional, curandeira, fabricante de medicamentos naturais, e, além disso, ela realiza alguns rituais, como, o Temascal, ou seja, a mulher é uma incrível e deslumbrante Bruxa, muito poderosa.

¹⁰Atriz e estudante do curso de Teatro de UFRN.

Nisto, ao tocarmos o tambor; feito de couro de animal,¹¹evocávamos os espíritos dos animais e seu som grave atraía alguns espíritos que alimentavam nossa jornada em busca de uma terra desconhecida, perdida no tempo. Desta singularidade, nasciam cânticos, e na [...] “história de todas as partes do mundo, a mágica resulta do canto. O canto produz o crescimento” (ESTÉS, 2014, p. 191). Eram os cânticos que alimentavam a magia da cena, deixando crescer em nós a presença de mulheres fortes e sábias. Em meu caso, nasceu uma velha sábia.

A força e a presença da maior das mulheres, a velha sábia, a *grandmère*, a maior das mães, é encontrada naquelas que são desde um pouco até muito perigosas, através da sua noção e disposição para pôr ideias e existências desprovidas de alma, seja dentro de si mesmas, seja do lado de fora. A prova dessa fonte sábia e misteriosa, nas raízes, é o que sempre se encontra em mulheres que estão aprendendo e que anseiam por aprender mais, que desenvolvem uma visão interior, que seguem intuições, que não serão impedidas de prosseguir nem silenciadas, que, a respeito de coisas profundas ou glórias que pareçam à primeira vista intimidadas, não dizem... “Isso eu não posso fazer”, mas preferem perguntar a si mesmas: “O que eu preciso reunir para poder fazer isso?” (ESTÉS, 2007, p. 45 a 46).

Em meio às turbulências do encontro de si mesma com o arquétipo, existe o *entre* esperando por respostas. Em casos maiores o arquétipo revela muito de você, entregando surpresas para que você possa desvelar-se. Quando nos permitimos viajar em um laboratório, sobretudo em um *jogo ritual*, nos apropriando seja de qual elemento for, somos capazes de alcançar as mais diversas formas, extraíndo deste sonho a singularidade da matéria. Em meu caso específico, me aproprio do elemento água para mergulhar em sonhos, pois todo o meu trabalho tem uma influência que vem dessa matéria líquida, que fere e que ama; que fortifica e que mata ao mesmo tempo, a ela devo minhas mais sublimes imagens.

Nisto, a figura arquetípica me mostra uma sintonia muito verossímil com a morte. O medo me extraía muita dor em laboratórios, me revelando formas das quais eu mal posso descrever. Em seus estudos sobre a *Mitodologia em Artes Cênicas*¹², Lyra

¹¹ Estés (2014, p. 184 a 185) afirma que tambores feitos do couro de alguns animais são bons para conchamar espíritos de outros animais e os que possuem sons graves, convocam os espíritos que conseguem ouvir este mesmo som.

¹² A *Mitodologia* é fomentada pela saída do artista de sua aura habitual para o encontro da desconhecida alteridade, e tal embate dá-se por intermédio do jogo, por isso lúdico. No encontro são estimuladas recombinações, reinvenções de realidades, que se desvelam na criação artística. (LYRA, 2011, p. 04).

(2011, p. 01), questiona as relações existentes do ator “consigo mesmo e com a alteridade, em retroalimentação, procurando dar vazão a um *Teatro das Profundidades*, atingindo camadas da psique pessoal e coletiva, na percepção inequívoca das margens sociais”.

Pesquisando as abordagens apontadas por Lyra (2011), entendo as diretrizes que preconiza o que ela chama de “pedagogia do desenvolvimento interior”, ou seja, como a ação está literalmente relacionada ao indivíduo, mantendo-o conectado em um processo de fusão “*corpo-alma-espírito*”; vejo que esta fusão, nos leva por um passeio aos arredores do imaginário, nos fazendo acessar mitos, imagens oníricas e poéticas, compondo assim, a criação artística.

Para além de procurar respostas para este devaneio, nesta produção artística, as músicas foram essências. Alguns mantras foram selecionados e readaptados a cena, trazendo em si suas particularidades. Ao refazer as melodias e adaptar a língua do mantra a uma língua fictícia, a uma que pudesse atingir nossas percepções, chegamos a conclusão de que, a essência da materialidade das palavras, se fazem presente quando juntos damos significados a elas, produzindo não só um mecanismo propício a cena, mas uma junção de corpos, que se uniram para celebrar de forma harmônica questões inerentes a si mesmo. A música foi reconectada, advinda de mantras muito antigos, de origens indígenas. A adaptação feita obedece a esta ordem:

Tutu, tutu, tutu, tutu, descoder
Aha, aha, aha, aha, ecoder (bis)
(primeiro mantra)

Jonga zazapinpinadom
Jonga agufinadom
Jonga agazinzinadom
Ai que susinadom (bis)
Jonga apazinzinadom
(segundo mantra)

Nas concepções de Goswami (1998, p. 96 a 97), em seu livro *o Universo Autoconsciente*, podemos compreender o princípio da incerteza, das diversas

relações que ocasiona estes encontros conscientes e inconscientes, muitas vezes reveladores, medidos por átomos, elétrons, partículas que se materializam em nossos corpos; exigindo uma penetração e dilatação de um novo corpo, de um corpo quântico, ou seja preparado à agir, que se movimenta mediante ações. Neste embate de forças, ocorre o que chamamos de probabilidade cênica, e entregamo-nos a incerteza do que nos chega, pela qual as interferências sonoras e audiovisuais nos perpassam, desfragmentando e destruindo qualquer padrão de interferência que tente nos distrair, pois somos condicionados a revelar nestes corpos mecanismos de acesso, entre vibrações e ondas energéticas. Assim,

A cadência formal da ciência preditiva, que se mantém no caso de onda ou partícula é transformada na dança criativa de uma ondícula transcendente. Quando localizamos o elétron, ao descobrir através de qual fenda ele passou, revelamos-lhe o aspecto de partícula. Nos casos em que não o localizamos, ignorando a fenda pela qual ele passou, revelamos-lhe o aspecto de onda. Neste último caso, o elétron passa por ambas as fendas. (GOSWAMI, 1998, p. 99-100).

Neste universo de probabilidades, o verbo se fez presente em alguns laboratórios. Falas e desejos de expandir a palavra nascia além de gritos e sussurros. Em um dos encontros exprimir algumas palavras:

Mar, profundezas...
Conseguir emergir em pelo caos.
O mostro homem tentou me afogar,
Ele me afundou ainda mais profundo,
Mas, emergir...
Emergir através de um canto que me conduzia e me harmonizava.
Naveguei e cirandiei no mar de águas escuras.
A dor me fez subir e ondas gigantes ainda me levam
Se eu conseguir? não sei, ainda estou navegando... (13/10/2017)

Percebe-se nestes encontros algo muito ligado ao feminino, que se abriam mediante as construções dos corpos. Estés (2007, p 58), afirma que a mulher traz em si uma “alma sábia e indomável” que tem a potência de fazer o outro enxergar suas angústias no olhar, que sabe ascender chamadas interiores apagadas, dizendo-lhes o que é preciso ouvir. A mulher velha permanece oculta dentro de cada um (a) de nós, pois as ferramentas mágicas que a vovó arquetípica usa não muda há milhares de anos, seu coração está sempre atento, pronto para lhe ensinar a despertar.

No jogo com a atriz Ana Clara (Guerreira), ouve um diálogo após uma cena, aonde a mesma tinha que aceitar o fato de ter crescido, de ter que assumir o lugar da anciã. Neste diálogo, surge o sentido de ser mulher:

Mestra: Quando o tempo trás o inverno e tudo morre por causa do frio, sinto que é tempo de seguir. A terra esta calma e silenciosa. Tudo que foi posto sobre ela ficará à espera do início de um novo semear. Você vai ficar sozinha; sinto o meu tambor parar de bater, apenas pequenas batidas ainda mantem meu corpo vivo. Eu sinto muito! Mas me diga: Como você se sente?

Guerreira: Eu me sinto como fumaça. Eu sinto meu corpo queimar, pegar fogo, eu quero sair correndo solta, sentir o vento, voar...

Mestra: Você está em chamas, isto é ser mulher...

Guerreira: Sim, eu me sinto mulher

Mestra: Dança pra mim menina.

Revela-se então o mito da mulher selvagem,¹³nascendo mais uma guerreira que quer voar e sentir o gosto da liberdade; e nisto, “o fato de uma mulher em processo permanente de torna-se mais sábia estar constantemente se reenraizando na vida da alma é um extremo ato de libertação” (ESTÉS, 2007, p. 59).

Assim, as descobertas com as figuras arquetípicas estão nos fazendo entender o quanto é importante buscar em nossa mitologia pessoal respostas para entender a si mesmo, pois na arte de atuar e realizando um teatro como este, de caráter ritualístico, precisamos mergulhar em nosso inconsciente, almejando resgatar memórias esquecidas e prontas para renascer. Delas podem fluir sensações capazes de montar formas com cores variadas, sublimes e de certa extensão, duração; pois cada um pode deixar-se contaminar por aquilo que o habita.

Em mim, caro leitor, habita uma terra de cor fumaça, que me leva em sonhos; são verdade ocultas, que me fazem nesta terra permanecer. Deixe-me guiar sua alma para que você não se sinta só entre as folhagens secas, sedentas de suor humano.

¹³ A Mulher Selvagem, do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, é a alma feminina. Ela é a origem do feminino. É tudo que for instintivo, tanto no mundo visível quanto do oculto. (ESTÉS, 2014, p. 26).

Aqui ao deitar-se, descansará sua matéria, e nascerá desta carcaça cansada, raízes. Eu posso regar você, eu posso cantar para você o canto do seu fim, que recomeça em mim. E quando seu corpo estiver todo entregue, preso ao solo sagrado, você poderá entoar o hino nascente de sua melodia onírica. Minha tarefa é te orientar pequena semente, pois com a energia da sabedoria da terra, sua alma agora é luz; guardiã; guia fascinante; protetora fiel do que acredita. Você é agora tão perigosa quanto divina. Você é o estopim dourado de tudo que quiseres.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Água e Os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder Do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **As Mulheres Que Correm Com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

_____. **A Cirandas Das Mulheres Sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GOSWAMI, Amit; REED, Richard E. e GOSWAMI, Megiee. **O Universo Autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. Tradução de Ruy Jungmann. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O Homem e Seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LYRA, Luciana de F. R. P. de. **Mitodologia em Artes Cênicas**: Diretrizes, pressupostos, princípios e procedimentos para criação. VI Reunião Científica da ABRACE. São Paulo, 2011.